

dia, Oldemar Lacerda, com o dinheiro da triste transação, embarcava para a Europa. Em torno dessa carta falsa, passou a girar, não apenas o noticiário da imprensa, em todo o país, como a agitação política, com as paixões levadas ao paroxismo. Essas paixões corriam das páginas dos jornais à tribuna das duas casas do Congresso e desembocavam nos quartéis. A 15 de outubro, chegando ao Rio, para ler a sua plataforma de governo, no banquete protocolar, bem característico do ritual político da época, Bernardes recebeu extraordinária manifestação de odiosidade, em todo o trajeto. O espetáculo era inédito: um político de natural reservado era colocado como alvo da mais terrível campanha difamatória a que o país já assistira, aparecendo em caricaturas e *charges* as mais torpes, recebendo apelidos os mais soezes. E tudo isso, sem qualquer dúvida, derivava da força com que a imprensa, capitaneada pelo *Correio da Manhã*, lançara tal campanha, cegando de ódio todos aqueles que, agora, concentravam em um homem, vitimando-o, toda a amargura de tantos decênios de farsa política, a farsa a que as oligarquias haviam reduzido o regime republicano: Bernardes pagava por todo o longo e tortuoso passado e ainda pelo presente.

Como caracterizou Afonso Arinos de Melo Franco: “Porém a paixão é cega, e mais cego do que a paixão é aquele ‘abismo insondável da estupidez humana’ de que falava o grande escritor. Não há razão para a sem-razão, não há lógica para o absurdo, não há verdade para o obcecado. O país se despenhou na mais incompreensível luta pela mais ridícula, a mais idiota das causas”⁽²⁸⁹⁾. A 28 de dezembro de 1921, o Clube Militar, por 493 votos contra 90, tomava a decisão de concluir pela autenticidade da carta. Falando na Câmara, o deputado gaúcho Otávio Rocha declarava, como ostensiva ameaça: “Ou a Nação prefere os políticos de conluio, e os que colocam acima dela os seus interesses e a sua ambição, ou a Nação prefere as suas classes armadas, que montam guarda à bandeira e que por ela morrem contentes, na defesa da sua honra”. Carlos de Campos respondeu pelas forças situacionistas, concluindo: “E a liberdade é incompatível com a pressão da força armada na vida política”. Artur Bernardes foi eleito presidente da República em 1º de março de 1922; a 24 desse mesmo mês, os falsários confessavam o crime⁽²⁹⁰⁾. A confissão de Oldemar Lacerda saiu

(289) Afonso Arinos de Melo Franco: op. cit., pág. 1024, II.

(290) “Passado o pleito presidencial de 1º de março, os falsários Jacinto Guimarães e Oldemar Lacerda, convencendo-se da derrota fatal da Reação Republicana, dispuseram-se a contar tudo para captar as boas graças dos vitoriosos. Jacinto fez, a 24 de março, na presença de várias testemunhas idôneas, inclusive o jurista Paulo de Lacerda e o tabelião Eduardo Carneiro de Mendonça, a demonstração direta e material da falsificação. (. . .) Também Oldemar redigiu minucioso relato da trama de que fora autor intelectual, mencionando as responsabilidades de políticos e jornalistas, exibindo, enfim, todos os pormenores da suja combinação. Essa confissão, publicada na imprensa